

EDUCAÇÃO E LINGUAGEM SEGUNDO OS GUARANI-MBYĀ

(para That's)

Marcio Silva
Unicamp

"... de poeta, de médico, de
louco e de lingüista, todos
nós temos um pouco."

(Carlos Franchi)

Este trabalho pretende mostrar algumas opiniões e hipóteses Guarani sobre a linguagem e sobre a educação formal. Os comentários que teço so bre os dados apresentados abaixo refletem o estágio inicial de uma pesquisa so bre teorias lingüísticas formuladas por comunidades indígenas, e, nessa etapa preliminar do estudo, os dados de que disponho - e não meus comentários - cons tituem, sem dúvida, a parte interessante deste trabalho. Espero que as idéias guarani sobre educação e linguagem possam servir como elementos para uma discussão sobre as expectativas que os Guarani têm de nós, lingüistas e educa dores, e, conseqüentemente, sobre o nosso próprio tipo de trabalho na comunida de. Além disso, acredito que esses dados possam também, de uma certa forma, contribuir para uma melhor compreensão da visão de mundo Guarani.

Os depoimentos apresentados aqui foram coletados em outubro de 1981, durante minha terceira e última viagem à comunidade¹, e constituem tre chos de conversas relativamente informais. Creio que, num certo sentido, esses dados podem parecer um tanto fragmentários e incompletos. Para diminuir um pou co os riscos de imprecisão e infidelidade no relato das idéias Guarani, consi dero, neste trabalho, apenas os dados que pude registrar em fita, e não utili zo algumas anotações de campo feitas sobre outras conversas que tive com eles, em momentos em que não tinha um gravador à mão, ou que julgava o seu uso cons trangedor e inoportuno.

Antes de passar ao ponto central deste trabalho - a apresenta ção dos dados, gostaria de fazer umas poucas considerações sobre o modo como eles foram elicitados. Havia realizado duas viagens anteriores onde não fiz praticamente outra coisa a não ser análises classificatórias preliminares e

transcrições fonéticas, o que me permitiu, num tempo mais ou menos breve, ter algumas noções (ou impressões (ou ilusões)) sobre a fonologia, a morfologia e a sintaxe Mbyã. Mas, se os resultados dessas duas viagens foram, num certo sentido, interessantes, o fato de ter me ocupado apenas de praticar as clássicas "tarefas lingüísticas de campo", e não fazer praticamente mais nada, trouxe alguns problemas para a própria pesquisa de campo. É que os guarani não pareciam se convencer do meu interesse pelo fenômeno "linguagem". Alguns deles chegaram a manifestar - tudo me indica a pensar assim - uma nítida desconfiança em relação aos meus propósitos, e frequentemente vinham com a mesma pergunta: "Por que é que você está querendo estudar a conversa do índio guarani?" Sempre que isso ocorria, deixava as transcrições e análises de lado e tentava explicar, da maneira que julgava mais clara possível, as minhas razões acadêmicas. Mas os Guarani do E.S. só pareceram acreditar realmente que eu pudesse ter algum tipo de interesse pela língua que eles falavam, quando, durante a última viagem, decidi não mais "fazer trabalho lingüístico de campo". Não voltei a procurá-los para tentar encontrar novos dados que pudessem diminuir a quantidade de grande de "buracos" no corpus coletado durante as viagens anteriores, nem tinha em mente qualquer questão lingüística ou tupinológica específica. Tudo o que procurei fazer - e o pouco tempo que tive não me permitiu fazê-lo do modo como gostaria - foi ficar à toa, e aproveitar o tempo para praticar o guarani. Nesse sentido, devo confessar que tenho ainda uma péssima pronúncia e não pude adquirir ainda um mínimo de fluência conversacional. Mas foi só durante essa terceira viagem que, no meu modo de ver, pareceu óbvio para eles que eu estava mesmo com vontade de conhecer aquela língua.

Alguns lingüistas poderiam lembrar que o fato dos pesquisadores frequentemente não terem um mínimo domínio da língua que tentam descrever não representaria nem falta de interesse, nem culpa da metodologia de trabalho "estruturalista"², mas decorreria ou de uma falta de aptidão para o aprendizado de uma língua estrangeira, ou, o que certamente seria mais provável, da falta de tempo no campo para fazer outra coisa senão gravações, transcrições fonéticas e pilhas de fichas três por cinco... Outros lingüistas objetariam que o problema não seria de falta de tempo, mas de pura falta de interesse por tudo o que não fosse fonêmica, e toda aquela série de "êmicas" que tanto preocupa um "estruturalista". Em poucas palavras, o limites de uma pesquisa de campo seriam invariavelmente definidos a partir de uma dada concepção teórica de linguagem de certo modo estrita. Outros ainda poderiam afirmar que o problema de veria ser explicado a partir de suas dimensões ideológicas. Os pesquisadores só se preocuparem com a fonologia, a morfologia e a sintaxe de uma língua indígena, e pouco se importarem com o fato de seus informantes serem, antes de mais nada, pessoas que lutam com gravíssimos problemas como a posse das terras, as doenças, a miséria, é algo que poderia ser entendido, tendo-se em vista uma

postura política e uma ética científica determinadas, "reduzir" uma nação indígena (ou qualquer outro grupo minoritário) a um mero grupo de informantes que interessa ao pesquisador apenas enquanto fonte de dados para suas pesquisas de dimensões e alcance estritamente acadêmicos.

Particularmente, considero este debate extremamente válido e oportuno, neste momento em que tentamos repensar o "ser lingüista" no Brasil. Não pretendo aqui, entretanto, analisar e criticar cada uma dessas posições. Quero apenas dizer que tenho cada vez mais a impressão de que foi sobretudo a partir de uma redefinição de meu "comportamento" na comunidade, que alguns Guarani, de modo relativamente espontâneo, começaram a revelar alguns de seus pontos de vista sobre a linguagem e a educação indígena. Acho importante registrar, finalmente, que não precisei pagar por esses dados, como foi necessário fazer (e tudo indica que continuarão sendo) quando tentava descrever a fonologia, a morfologia e a sintaxe Guarani, pelo menos do modo como tentei realizá-las durante as duas primeiras viagens. Em outras palavras, acredito que os Guarani são plenamente capazes de distinguir uma situação em que se colocam como pessoas que, assim como nós, lingüistas e educadores, pensam a linguagem e a educação indígena, de uma outra situação onde se pede simplesmente para eles irem traduzindo para o guarani-mbyã, sentenças como "o menino mordeu o rabo da gibóia", "o menino vai morder o rabo da gibóia", "o menino já mordeu o rabo da gibóia?", "o rabo da gibóia foi mordido pelo menino", etc, etc, etc, durante horas a fio.

OS DADOS

M. Como é que o pessoal aqui aprendeu português?

01. Pra nós conversar português, é que... nossas criancinhas que nascem agora, que já nasceram e estão grande, que estão grande, que estão se criando, que já estão conversando em português. Quando o pai está conversando português, ele está ali, é melhor do que estar na escola. Todo mundo conversa em português, ele já está compreendendo, está falando português. Então, por isso que a escola, pra nós, eu acho que, se o branco quer ensinar o índio, então que ele pode ajudar muito, que pode fazer uma casinha boa pro índio, de telha, e ajudar o índio. Agora, só pra entrar escola, nós não queremos porque a cada um de nós, nós temos a sabedoria, sabedoria que não vem da terra, sabedoria que vem de Nhandrutupã (Nosso pai Tupã). Ele dá sabedoria pra todos os viventes da terra. Antes do português descobrir o Brasil já tinha muito Índio criando papagaio, que estava conversando completamente Índio guarani, já conversava e não precisava escola para aprender falar

guarani, porque o papagaio era mais inteligente do que a gente branca. Isso
15. nem o governo conhece, nem o povo que estuda, está com lápis na mão, papel,
nunca conhece o segredo do Índio.

M. Como é que as criancinhas aprendem a falar, então?

As crianças, quando aprender a falar nossa língua, nasce com aquilo que vem
no corpo, na idéias, no pensamento. Já vem com a sabedoria. Quando está
grandinho, já esta conversando guarani, conversando brasileiro. Quando o
20. pai dele está falando português, o pai dele está falando português, e ele
está escutando. "O papai falou assim 'pão'". Eu também vou falar. "Chegou
um branco lá, papai conversando com um branco, falando 'pão'. Quando amanhã
já esta pedindo 'pão', pedindo 'água'...é melhor que brasileiro. Aí, já
aprende português, aprende português, é a mesma coisa de papagaio. Papagaio
25. estando na casa de Guarani, ele conversa guarani: "¿?¿", "mbodzape",
"dzakaru" ("água", "pão", "vamos comer"). Quando chega um branco, conversa
com o dono do papagaio índio guarani, e aí está escutando igual criança.
"Olha, lá falou assim, assim" - igual criança - daqui a pouco tá conversan
do três, quatro língua. Papagaio também é gente. Papagaio também é gente.

M. Quem botou a língua do Guarani? Tem Deus que botou?

30. Tem. Esse é Deus mesmo, que fez o homem, fez o Índio pelo seu poder, como
hoje em dia aqui no Brasil existe pintor, existe este que faz santo de bar
ro, então o povo adora esses santos que foi feito de barro, Santo Antonio,
São Pedro, isso vem desde o começo do mundo, porque Deus fez assim. Depois,
quando ele, Deus, se fez por si mesmo, aí ele fez o mundo, fez a terra. Ele
35. é encantado, né. Quando ele fez o mundo, ele era igual a uma pessoa, Deus.
Ele fez o mundo e a terra e teve aquela sabedoria dele mesmo. Então prá le
vantar a fruta, laranja do mato, tem goiaba da mata, tem fruta mais gostosa,
guabirô, guabirã, twapuru, tudo essas coisas. Quando ele fez essas coisas,
a erva, a fruta, pensou de novo prá fazer bichinho, bicho do mato, anta,
40. porco, macaco, quati, essas coisas, e fez tudo, fez de fruta. Quati foi de
sementinha de cedro, anta também foi. Depois disso, pensou de novo que não
pode ter sô bicho no mundo, tem que ter outras coisas. Pensou de novo e fez
o homem. Foi guarani o primeiro. Primeiro fez Guarani, então isso já veio
a língua dele, tudo esparramado no Brasil inteiro que até desde o princípio
45. já vem a língua do guarani prá reconhecer que a língua do guarani que é o
brasileiro.

M. E porque é que as pessoas falam diferente, guarani, brasileiro, americano,
outros Índios?

Isso é a sabedoria dele (Deus). A sabedoria, porque existe nesse mundo preto, amarelo, branco, outro é mais moreninho. Então é prã conhecer qual é o que é brasileiro. Então assim, quando descobrir que aquele ali é brasilei
50. ro, esse não é brasileiro, esse nasceu no Brasil, mas não é brasileiro. É só prã saber isso. Por isso é que botou a língua diferente. Num pode conversar tudo uma coisa sõ. Agora, o índio é índio, nē. Já trouxe a língua próprio no Brasil. Foi Nhandrutupã (Nosso pai Tupã) que botou a nossa língua.

M. Mas, pēra a^í. Ele olhou isso aqui (e aponte para um riacho) e botou "4?4", olhou prã lã (e aponte pro mar) e botou "4gwatšũ", nē. Mas então porque é que é tudo diferente em outra língua?

55. Bom, isso a^í já vem pelo estrangeiro, nē, pelo estrangeiro que vem trocando o nome. Outro já vem com outro nome. Isso é tudo por Deus, porque aqui não pode existir a pessoa tudo igual, nē.

M. E porque é que falar guarani é importante?

A guarani fala é importante porque índio guarani tem a fē. Tem a sua fē. Porque o índio que tem fē, ele fala as coisas de valor. Ele não fala menti
60. ra, ele não fala errado, o que acontece estã falando, o que é prã acontecer estã falando, o que tã querendo explicar, estã explicando a palavra que vem sempre positivo. Quando fala assim: "tšerupa" ("meu lugar, minha cama") então estã falando certinho. Quando fala assim: "hoje vai chover de noite", quando chega a hora estã chovendo. Então é por isso que a palavra
65. do guarani nunca volta atrás. Então a palavra do guarani tem que ir marchando cada vez mais.

M. Tem ou teve branco que veio aqui prã fazer escola prã índio? Você acha que a escola era uma boa prã vocês?

Agora, escola, aqui dentro da aldeia, nõs temos reunião, sempre que nõs fazemos reunião entre caciques, capitão da tribo guarani, o conselheiro e representante, e todo sabado nõs temos nossa reunião, reunindo, conversan
70. do, explicando, e o cacique, o capitão dando orientação para as famílias, e falamos sõ nossa língua. (pausa) Então, que o índio, dentro da aldeia do índio legítimo, índio puro, que nõs queremos a escola, a escola do gente branco. Que muitas vezes já vieram MOBREAL prã levantar escola, prã ensinar os índios pequenos e ensinar os grandes também. Então nõs conversamos
75. que a escola nõs, prã nõs, não tem interesse porque o jeito é que nõs es

- tamos morando dentro da aldeia do índio, que o povo branco que tem bom co
 ração, que pode chegar e entrar na área do índio prá conversar com caci
 que, com capitão, com representante, então que os brancos, se abrir esco
 la dentro da aldeia do índio, que nós não deixamos. Nós podemos deixar en
80. trar, mas se eles ajudarem muitas coisas. Sô prá ensinar conversar língua
 portuguesa, prá nós não é muito importante. O índio não precisa escola.
 Ele precisa escola que seja o professor, seja índio e índia, prá ensinar
 a família do índio. Por que alí ensina guarani, ensina português, então
 nunca perde o direito do índio, a religião, Nhandrutupã, nunca perde.
85. Quando um índio, uma índia estudar lá fora, na cidade, no comércio, com
 professor, com professora, quando amanhã já não quer mais olhar para a al
 deia já esta namorando com branco, já o branco já está enganando ela, o
 branco já quer roubar índia, aluna, tudo isso nós temos no nosso pensamen
 to, outro já fala bobagem, já xinga... Então o indinho tã lá, tã aprenden
90. do. Daquí a pouco vai na aldeia e diz: "Ah, eu aprendi tanta coisa com
 gente branca..." Quando o pai pergunta: "Então explica aí!", "Ah, eu apren
 dí assim, assim, assim...". "Ah, isso não é tanta coisa não. Isso é boba
 gem, isso é conversa que não deve usar. Aprendeu com o branco lá, e vem
 dentro da aldeia". É isso que nós temos dentro de nosso coração.

M. Não tem nenhum tipo de escola que vocês gostariam de ter?

95. Tudo isso nós temos na nossa religião. O índio não pode estudar com o bran
 co. Se estudar, então...(pausa)...se o indinho está na escola, se estudar
 no ginásio, aprender a fazer qualquer coisa, aprender prá ser advogado,
 prá diretor, prá presidente, prá qualquer coisa, então tem que amostrar
 aquilo que o índio estudou. "Eu estudei isso aqui, ô. Agora nós temos to
100. das as coisas, agora, porque eu estudei." Aí tinha valor. Mas tem muito ín
 dio que estuda sô prá malandragem, prá brincar, prá xingar outro, sô isso.
 Até hoje num ví ainda um índio que estudou muitas coisas. Num ví ainda .
 Sô a escola, prá fazer boniteza, não. Deixa nós viver.

M. Tem pessoal que quer aprender escrever na língua do guarani?

- Tem. A língua do guarani é importante mesmo. Quer dizer se aprender a ler
105. na língua do guarani, depois aprender ler português. Eu leio guarani, eu
 leio português.

M. Aqui já apareceram missionários da Assembléia de Deus. Existem outros mis
 sionários que estudam a língua dos índios para depois ensinar religião de
 branco prá eles. Você acha isso certo?

- Não está certo. Prã mim não está certo não. Porque o que num tá certo é... (pausa)...o índio recebe aquilo como...(pausa)...sempre eu falo que a reve^lação...(pausa)...antes que caia...Por exemplo, hoje ou amanhã, um avião,
110. nê. Se perder o motor, se cair qualquer coisa, se cair dentro da área do índio. Ninguém sabe. O branco nenhum sabe o que é que vai acontecer com avião. Mas o índio que está em cima da linha, com estatuto do índio, pelo segredo de Deus, antes disso já recebe isso aqui: "irundí ara, mboapí ara rirê...vai acontecer isso aí, mas não tem perigo prã vocês pode esperar
115. que está feito." E aí todo mundo fica esperando, nê, assim, porque o Guaraⁿí é assim. Porque não tem branco, pode ser americano, pode ser qualquer um, não sendo Deus, ele nunca alcança o segredo do índio Guarani. Nunca mesmo.

M. Prã que é que serve o pessoal branco, igual nós, estudar a língua do ín^dio? Como isso pode ser bom pro índio?

- Agora, é que eu vou explicar prã vocês que estão estudando a língua do ín^dio guarani. Que a língua do Guarani é primeiro brasileiro que existe no Brasil. Porque a língua do guarani não é tão difícil prã estudar porque essa é a língua do brasileiro. Então, que o branco que quer estudar a lín^gua do Guarani eu acho que é para melhorar pro guarani, para o índio do Brasil. Porque aí, que vai descobrindo, vai descobrindo que o índio guaraⁿ
120. ní tem aquela língua brasileira.

- Agora, a língua do índio é que é primeiro brasileiro. Então é por isso que esse estudante que tenha desejo de falar língua do índio guarani, então eu acho que é prã seguir com essa língua firme no Brasil. Porque essa lín^gua não deve acabar; essa língua tem que continuar até o fim do mundo. En^t
130. tão é isso que eu tenho no meu pensamento. Porque tem muito índio que já se misturou com branco, por português, então aquele índio aí já perde a sua língua, já perde a língua. Que tem muita família do índio que está com branco, o índio casa com a branca, aquele aí já tem vergonha de falar ín^dio: "Ah, não sou mais índio." Então, caminhar atrás desse índio, desse ín^d
135. dio que se misturou a família com o branco, então o índio puro não pode acompanhar esse índio mais. Então tem que acompanhar a nossa própria lín^gua. Nós temos que acompanhar nosso cacique, o nosso capitão, nossa reli^gião, prã que nunca perde essa língua brasileira. Para continuar prã sem^p
140. pre. Porque amanhã, já tem mais um indinho, que amanhã vai casar outro ín^dio guarani com guaraninha, amanhã e depois de amanhã, então tem outro Gua^rrani indinho, então aquele já pode trazer a própria língua do índio Guaraⁿí. Então é isso.

ALGUNS COMENTÁRIOS

Inicialmente, gostaria de lembrar que o fato dos dados terem sido coletados em português, e não em guarani, pode ser uma variável extremamente relevante na compreensão das idéias que acabamos de observar. Isso porque o português não é a primeira língua de nenhum elemento da comunidade, embora muitos deles o dominem com razoável fluência. Percebia, entretanto, que, em muitos momentos das conversas, alguns deles sentiam certa dificuldade em expressar determinadas idéias em português. Quando isso ocorria eles, ou simplesmente ficavam as suas explicações, para que eu pudesse entendê-las mais rapidamente, ou, simplesmente, mudavam de assunto, e deixavam de lado os pontos que tentavam explicar. Feita essa observação, passemos, agora para os meus comentários provisórios das idéias guarani (ou, como alguns poderiam preferir para a apresentação de meu "folclore" sobre o "folclore" formulado nessa comunidade indígena).

Para um Guarani do E.S., "escola para Índio" parece se definir como um espaço destinado exclusivamente para o estudo da língua portuguesa (03,04,13). Nesse sentido, essa instituição é dispensável porque os Guarani e, em princípio, "todos os viventes da terra"(11), já nascem com um tipo de sabedoria que os torna aptos a aprender línguas (08,13). Essa sabedoria é definida como algo que "vem no corpo, na idéia, no pensamento" (17,18). Sendo assim, os "civilizados" precisam se convencer de que uma escola com essa finalidade não representa uma ajuda efetiva para a comunidade, como certamente representaria "uma casinha boa pro índio, de telha"(07,08), por exemplo. Ainda sobre o aprendizado das línguas, os Guarani parecem acreditar que o modo como uma criança aprende a falar seja idêntico ao modo como um papagaio realiza a mesma tarefa (14). Tenho a impressão, entretanto, de que não se pode deduzir automaticamente daí que os Guarani pensam que a aquisição da linguagem se dá por mero mimetismo fonético. Acredito que, para uma compreensão mais adequada dos dados, temos que esquecer as nossas próprias teorias sobre os pássaros. Acho que os Guarani tentam me dizer, com base no modo como entendem um papagaio, e mesmo numa cosmologia diferente da nossa, que os papagaios é que aprendem a falar como as crianças (27), uma vez que "papagaio também é gente" (28,29). Um papagaio não pertence ao conjunto dos seres humanos (não é gente), segundo a visão de mundo ocidental, porque não é um ser racional. Os Guarani estariam tentando dizer que "papagaio também é gente" porque é um ser falador? Colocando essa pergunta em termos mais vagos a categoria "gente" poderia ser definida de uma maneira diferente para esses Guarani? Não disponho de dados para responder a essas perguntas, mas julgo que não seria absurdo formulá-las se considerarmos o discurso Guarani apresentado acima. Ainda sobre crianças e papagaios, gostaria de registrar mais uma impressão. Os Guarani do E.S., de tanto ouvir falar de alguns de nossos agentes "civilizados" que "escola para

Índio" era um espaço definido como um lugar para "aprender português", teriam inferido, de algum modo, que nós, os "civilizados" também aprendemos nossa língua num estabelecimento de ensino? De que modos podemos entender a afirmação de que "...o papagaio...(que)...já conversava e não precisava escola para falar guarani...era mais inteligente que a gente branca" (11-16)?

Passemos, agora, a um outro ponto. Os Guarani afirmam que existem desde o início do mundo (30-43), e, desde a essa época, já falavam a sua língua (45). Afirmam ainda que os povos não podem ser étnica e culturalmente iguais, e que as línguas, assim, constituem um traço fundamental de distinção intercultural (47,48). Segundo os Guarani, essas diferenças são mais um fruto da sabedoria de Nhanderutupã, que precisou estabelecer diferenças entre as nações (46-57). Vou retomar essas idéias adiante. Antes, porém, quero observar alguns pontos. Num determinado momento, pergunto porque falar guarani é importante. A resposta que obtive para a questão me parece bastante complexa (Cf.58,66). Gostaria de saber o que pode significar para um Guarani "falar certinho" (63). Vejo, no momento, três possibilidades de se entender essa idéia, a saber: (a) "falar certinho" quer dizer "falar na língua que foi 'ensinada' diretamente por Nhanderutupã" (62); (b), "falar apenas a verdade, em outras palavras, falar sem infringir certos princípios morais estabelecidos pela sociedade guarani" (59); ou (c) "falar a verdade - a palavra de Nhanderutupã" (63,64). Não seria interessante, ao invés de decidir por uma das três alternativas acima, admitir as três como idéias complementares, se considerada uma visão de mundo diferente da nossa? Parece sintomático, nesse sentido, o Índio guarani, ao reproduzir uma fala de Nhanderutupã, preferir fazê-lo em língua guarani, ainda que conversasse comigo em português (114-115). Lembraria ainda que falar guarani é importante porque é a língua com que Nhanderutupã se comunica com eles. Num outro momento, um Guarani afirma que a língua é algo relacionado diretamente com a própria integridade social de sua sociedade (128,136).

Voltando ao tema "escola", poderíamos supor³ que os Guarani estejam dizendo também que "escolas-para-Índios" são dispensáveis, não apenas porque eles já nascem com a sabedoria, mas ainda porque eles já possuem um espaço definido em sua cultura para transmissão de um tipo de saber: as reuniões de sábado (67,71). Em outras palavras, a "reunião" já seria um tipo de "escola de (e não para) Índio", e constituiria um momento para a discussão dos problemas da comunidade, onde todos usam a sua própria língua, como fazem questão de enfatizar?

Passemos, agora, a observar as críticas guarani em relação a escola "civilizada". Como afirmamos anteriormente, os guarani parecem ser bastante lúcidos em relação aos problemas que podem causar uma escola para o grupo (71,79). Queria aproveitar a oportunidade para chamar a atenção para

fato, no mínimo, bastante "curioso", na questão da educação indígena. É que pouca gente duvida de que nossas escolas para "civilizados" apresentam graves problemas...No entanto, algumas tentativas de implantação de escolas para índios no passado e no presente parecem não levar em conta todos esses problemas. Em outras palavras temos a tendência de "esquecer" alguns problemas da nossa sociedade "civilizada", quando entramos em contato com uma sociedade ágrafa. Nesses momentos, como num passe de mágica, passamos a acreditar piamente na idéia de como seria bom que ali houvesse uma escola, uma ortografia, uma cartilha e até uma assessoria lingüística (sic), para essas sociedades. Deixamos de lado todas as nossas críticas (muitas vezes até aquelas que formulamos intuitivamente quando ainda éramos alunos e vítimas dos grupos escolares), e passamos - roupa suja se lava em casa - a crer que projetos educacionais, quaisquer que eles sejam, para essas comunidades possam representar o nosso melhor modo de atuação junto a elas. Tenho, às vezes, a impressão de que, ao cruzarmos as fronteiras que separam nossa sociedade das sociedades dos "outros", deixamos sempre "do lado de cá" o nosso ceticismo, as nossas dúvidas e as nossas críticas relacionadas a muitas experiências educacionais de que temos notícia, e, algumas vezes até, apagamos de nossa memória o que fomos obrigados a aturar desde o primário até a universidade...Assim, queria aproveitar para me colocar com os Guarani do E.S. no que diz respeito a esse tema: Concordo plenamente com eles que uma escola qualquer pode ser pior que nenhuma escola, ou, segundo as próprias palavras de um Guarani, "só a escola pra fazer boniteza, não. Deixa nós viver" (104).

Mas o ceticismo guarani vai mais longe. Eles parecem estar convencidos não só de que não interessa uma escola "civilizada" qualquer em sua aldeia, mais ainda de que seria muito arriscado eles saírem de sua aldeia para estudar em nossas escolas, junto com "civilizados"⁴. Segundo os Guarani do E.S., experiências desse tipo acabariam por contribuir, inclusive, para a completa desintegração do grupo social (85-91).

Todas essas críticas poderiam fazer supor que os Guarani, definitivamente, não querem escola de espécie alguma. Não é isso, entretanto, o que acredito que eles estejam tentando dizer. Alguns dados poderiam indicar que eles admitiriam a hipótese de frequentar uma escola, desde que estivessem certos de que isso pudesse render um lucro social significativo para a comunidade (82-84, 95-100). Entretanto conversava esses assuntos com eles, percebia em alguns - sobretudo nos que exercem posições de liderança no grupo - uma preocupação com a intensificação de seus contactos com a sociedade "civilizada", e, conseqüentemente, com o português escrito nos/dos documentos que de marcam a terra guarani, registros de nascimento, papéis de identidade, estatutos e leis referentes aos "silvícolas", etc...Além disso, em alguns momentos, eles pareciam ter um certo interesse em conhecer melhor as regras do mundo

dos "civilizados", para o estabelecimento de relações efetivamente mais favoráveis com nossa sociedade. Poderiam fazer cursos para "advogado, pra diretor, pra presidente, pra qualquer coisa..." (97,98) se isso pudesse ajudar efetivamente na solução de muitos dos seus problemas. Entretanto, os guarani do E.S. estão plenamente conscientes das grandes dificuldades que teriam que enfrentar, dos riscos que seriam obrigados a correr, e, sobretudo, de um grande fracasso no fim de tudo, se optassem por esse tipo de "luta".

Passo, agora, para um ponto que, de certa forma, poderia estar relacionado ao tema da responsabilidade social do lingüista. Uma vez que, segundo os guarani do E.S., as línguas constituem, acima de tudo, um marco de identidade nacional (43-54), um trabalho lingüístico pode apresentar sempre uma nítida dimensão política. Os dados acima, acredito, permitem inferir que os guarani do E.S. julgam que o estudo de sua língua seria interessante na medida em que nós, os "especialistas" poderíamos, com eles, mostrar às outras pessoas de nossa sociedade - sobretudo ao povo que, como nós, "estuda, esta com lápis na mão, papel..." (15) - que os guarani do E.S. (e, por extensão, que cada uma das comunidades indígenas brasileiras) "são primeiro brasileiro" (125, 126); e que, portanto, têm o legítimo direito de existir não apenas como indivíduos, mas, sobretudo, como Nação (119-142).

Esses comentários provisórios que acabo de tecer devem ser entendidos como uma leitura provisória e incompleta dos dados apresentados no trabalho. Queria dizer ainda que hesitei em escrevê-los, já que, por um lado, meu conhecimento sobre essa sociedade é bastante incipiente e, por outro lado, as idéias guarani são formuladas de uma maneira tão clara que no estágio inicial de uma pesquisa como essa, não conseguiria fazer outra coisa a não ser traduzir preconceituosamente esse discurso para um dialeto mais ou menos "norma culta".

Apesar dos riscos, optei por incluir os comentários acima, por que acredito que, desse modo, poderia manifestar ainda algumas de minhas posições pessoais sobre o tema "Pesquisa Lingüística e Educação Indígena". Não tenho, obviamente, a pretensão de propor sugestões, nesse trabalho, para formulação de projetos educacionais quaisquer que sejam nessa comunidade, e nem mesmo a intenção de fazer isso. Mas gostaria, finalmente, de chamar a atenção para a necessidade de considerarmos as teorias de um grupo social sobre assuntos como Educação, Linguagem, etc., para uma melhor compreensão dos traços culturais dessa comunidade. E termino esse trabalho com algumas questões que me parecem de interesse para uma Lingüística Indígena: a) As hipóteses sobre linguagem e educação, formuladas por uma comunidade, são variáveis significativas a serem consideradas num debate sobre Lingüística Indígena e sua relação com a educação para povos indígenas?; b) Essas hipóteses apresentam relações com o modo como as comunidades representam o lingüista e seu trabalho?; c) Essas representa

ções contribuem para determinar um tipo de relação que se estabelece entre "pesquisador" e comunidades "pesquisadas"?; e d) De que modo o estudo desses discursos explicativos pode contribuir para uma melhor compreensão das relações Linguagem e Cultura?

NOTAS:

- 1) A comunidade guarani onde trabalhei se localiza no litoral do Estado do Espírito Santo, município de Aracruz, e seus membros se auto-denominam "Nhandêva", embora falem o dialéto "mbyã".
- 2) Uso a palavra "estruturalista" entre aspas porque desejo que ela seja compreendida apenas como um rótulo de uma "escola de trabalho de campo" largamente difundida no Brasil. Yonne Leite e Bruna Franchetto, em "A Concepção dos Linguistas", publicado neste volume, referem-se a essa escola como "modelo Summer Institute of Linguistics".
- 3) Devo essa idéia ao Prof. Marcelo Dascal, a quem aproveito para agradecer às suas críticas e sugestões feitas à primeira versão desse trabalho. Sou, porém, o único responsável pelos erros que certamente existem ao longo do texto.
- 4) Nesse sentido, veja-se o artigo "Atividades da Escola da Aldeia Guarani da Barragem, São Paulo". Publicado em *A Questão da Educação Indígena*, pela editora Brasiliense, 1981. Neste trabalho, a autora relata uma experiência bastante negativa vivida por algumas crianças Guarani, quando saíram da aldeia para estudar num povoado próximo, junto com as crianças brancas, num grupo escolar.